

16 SETEMBRO 1985

## Os notáveis na caverna

RONALDO POLETTI

Agu bem o Governo em criar uma comissão de homens notáveis para a elaboração de anteprojeto constitucional. Foi positiva a experiência em 34, embora o grupo fosse menor. Não se trata de escrever a Carta. Isto ocorrerá no seio da Assembléia dos representantes. Mas o trabalho prévio pressupõe o esforço de parte da inteligência nacional em captar as tendências da sociedade e espelhar o pensamento contemporâneo em matéria constitucional.

Além disso, o Governo precisa aparelhar-se para a reforma constitucional e a maneira de fazê-lo consiste em projetar o seu texto e defendê-lo diante dos mandatários do Poder Constituinte. Os fatos, aliás, indicam a reformulação do texto vigente e não uma nova constitucionalização do País. A Constituinte resume um mero rótulo. Uma encenação. Um jogo de luzes no palco ilusório da política. Tudo mostra caminhar para uma revisão do que já dispomos, o que evitará, ao menos, o nascimento de um Código Político pior do que o atual.

Enquanto os fatos vão impondo a sua terrível realidade, com todas as implicações, incluindo a econômica-social, os notáveis devolvem o seu importante trabalho. Além de receberem as sugestões e de cuidarem da feitura de um texto básico, foram aconselhados a participar de campanha elucidadora da Constituinte, de modo que o povo tome plena consciência da relevância daquela. Continuaremos, portanto, com os seminários, as conferências, os conclaves, os discursos dos políticos, os eventos todos, enfim, nos quais se discutem esses temas da Constituição e da Constituinte.

Cabe aqui a evocação da alegoria da caverna, exposta por Platão em "A República". Sabe-se que a parábola serve mais à teoria do conhecimento e aos processos pedagógicos do que à política, mas, como tudo se correlaciona, podemos imaginar aqueles homens algemados de pernas e pescoços, desde a infância, numa caverna, não conhecendo da realidade senão as sombras das figuras que passam diante de uma luz vinda do exterior, na direção da qual os prisioneiros não podem virar a cabeça e de onde ouvem longínquos sons.

Curiosos os debates acerca da Constituinte. Sempre um conferencista e dois debatedores. Na televisão, entrevistas de professores, artistas ou políticos profissionais. De vez em quando, admitidas perguntas, mas por escrito. Quando a palavra é franqueada, os ilustres conferencistas e debatedores, mesmo os notáveis, não dispõem de muito tempo para dialogar com platéias quase sempre despreparadas. Em resumo, há pouca participação popular.

A primeira impressão é a de que o povo agrilhado na caverna não vê, nem ouve os notáveis, somente suas sombras e os ecos de suas vozes. E como se fosse dado o direito de ver apenas a televisão, sem contestá-la ou arguí-la, nem dela desviar a atenção ou a cabeça.

Depois, nasce a dúvida se também os notáveis não estão na caverna, eles próprios vítimas acorrentadas das aparências. O povo e os notáveis, todos juntos algemados e imersos num mundo de ilusões.

Como na alegoria platônica, ai de quem se desvencilhar das correntes e tomar contato com a realidade além da gruta, pois sofrerá com a repentina consciência e com a exarcebação dos inexperientes sentidos. Correrá sérios riscos quando voltar à caverna. Na verdade, terá dificuldades para readaptar-se ao mundo das trevas em que vivia e será julgado, por isso, como um deficiente que assim se tornou por haver visto a luz. Se ousar libertar seus antigos companheiros, Platão preconizá-lhe a morte, vítima dos habitantes daquele confuso mundo.

O povo vê os notáveis, de longe, como se fossem sombras. Eles ouvem do povo apenas os ecos distantes. Na verdade, entre os dois há uma dependência recíproca. Não tem importância. Afinal, se não captarem o que a Nação pensa, resta a esperança de que não olvidem o que o País é. Uma Constituição pode não representar idéias, mas deve refletir a realidade. Devem os problemas humanos ser resolvidos em conformidade com as circunstâncias, presentes à nossa sociabilidade e à nossa política, quaisquer sejam elas, mesmo na miséria de nossas trevas.

Foram precisos muitos séculos para a humanidade perceber a possibilidade de homens encontrarem seus caminhos humanos, sem qualquer referência a uma realidade transcendente à sua contingência. Por isso, a crítica à circunstância de povo e notáveis estarem à mercê da caverna e suas limitações não implica, necessariamente, a ausência de consciência dessa situação. Se restar, depois de tudo, uma conscientização do processo, a que estamos submetidos, ainda haverá esperança de uma melhoria constitucional.

ANC 88  
Pasta 09/85  
048/1985